

Preleções epistemológicas: uma interlocução com Mauro Betti

RESUMO

O presente texto apresenta uma entrevista com o professor Dr. Mauro Betti, cujo objetivo foi compreender como ele avalia o cenário epistêmico do campo da Educação Física brasileira. Logo, encontra-se na entrevista um itinerário do pensamento epistemológico de Mauro Betti, que abarca: 1) síntese do desenvolvimento epistemológico do campo; 2) avaliação dos embates dicotômicos entre os grupos dos giros linguísticos e dos grupos do resgate da ontologia realista; 3) análise da disposição atual da atividade epistemológica da área; 4) ponto de vista sobre a pluralidade; 5) relação dos autores clássicos da filosofia da ciência do século XX com a Educação Física brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista; Educação física; Epistemologia

Silas Alberto Garcia

Mestrado em Educação Física
pela Universidade Federal de Goiás (UFG)
Universidade Estadual de Goiás, Instituto
Acadêmico de Ciências da Saúde e Biológicas,
Porangatu-Go, Brasil
silasgarcia11@gmail.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-9798-8219>

Epistemological lectures: a dialogue with Mauro Betti

ABSTRACT

This text presents an interview with Professor Dr. Mauro Betti, aiming to comprehend his assessment of the epistemic scenario in the field of Brazilian Physical Education. Therefore, the interview outlines Mauro Betti's epistemological thinking, covering: 1) synthesis of the epistemological development of the field; 2) evaluation of the dichotomous struggles between linguistic turn groups and groups focused on the rescue of realistic ontology; 3) analysis of the current disposition of epistemological activity in the area; 4) perspective on plurality; 5) the relationship of classical authors in 20th-century philosophy of science with Brazilian Physical Education.

KEYWORDS: Interview; Physical education; Epistemology

Conferencias epistemológicas: un diálogo con Mauro Betti

RESUMEN

Este texto presenta una entrevista con el Profesor Dr. Mauro Betti, con el objetivo de comprender cómo evalúa el escenario epistémico en el campo de la Educación Física en Brasil. Por lo tanto, la entrevista proporciona un itinerario del pensamiento epistemológico de Mauro Betti que abarca: 1) síntesis sobre el desarrollo epistemológico del campo; 2) evaluación sobre los enfrentamientos dicotómicos entre los grupos del giro lingüístico y los grupos del rescate de la ontología realista; 3) análisis sobre la disposición actual de la actividad epistemológica en el área; 4) punto de vista sobre la pluralidad; 5) la relación de los autores clásicos de la filosofía de la ciencia del siglo XX con la Educación Física brasileña.

PALABRAS-CLAVE: Entrevista; Educación física; Epistemología

INTRODUÇÃO

Este texto corresponde à apresentação do recorte de uma entrevista com o professor Dr. Mauro Betti, que está vinculada aos objetivos específicos de um projeto de dissertação, Parecer Consustanciado do CEP n° 4.898.746, que buscou identificar e discutir, por meio da produção científica e de entrevistas com pesquisadores do campo, as principais problemáticas do cenário epistemológico da Educação Física brasileira. A entrevista aconteceu no dia 28 de agosto de 2021, às 9h30, de forma remota, a partir do aplicativo Google Meet. Teve, aproximadamente, 2 horas e 18 minutos de duração. A entrevista foi gravada em forma de vídeo a partir da ferramenta de gravação do Google Meet e por um gravador de voz.

Mauro Betti, licenciado pela Universidade de São Paulo (1976-1978), é um dos intelectuais mais proeminentes do campo da Educação Física brasileira. Nessa mesma instituição, obteve o título de Mestre em Educação Física e Esporte (1983-1988). É doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1993-1997). Betti, ao longo de sua vasta trajetória profissional, atuou como professor e/ou colaborador em diferentes e importantes instituições de ensino de ensino superior (USP, UFSC, UFMG, PUC – Minas, UNOCHAPECÓ). No entanto, o seu maior vínculo profissional ocorreu com a Unesp. Atualmente, Betti atua como professor-visitante no IFSULDEMINAS¹.

O legado de Betti para o desenvolvimento de um teorizar mais reflexivo e sólido para a área é indiscutível. As contribuições teóricas do autor em questão emergem como fundamentais e paradigmáticas para o campo da Educação Física, servindo como referências primordiais que moldaram/moldam e influenciaram/influenciam a compreensão e o desenvolvimento conceitual da área em diversas temáticas, tais como: Educação Física escolar, proposições didático-pedagógicas no ensino da Educação Física, inovação curricular, epistemologia da Educação Física, mídias, linguagem e Educação Física, saberes da Educação Física, metodologia das pesquisas qualitativas etc. Entre as suas principais produções, destacam-se os livros: *Educação Física e Sociedade; A janela de vidro: esporte, televisão e educação física; Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas; Educação Física Escolar: ensino e pesquisa-ação; e Jogo, Corporeidade e Linguagem*.

Nas linhas que se seguem, encontram-se elucubrações e um esforço de síntese deste intelectual da Educação Física brasileira do desenvolvimento epistemológico do campo; dos embates dicotômicos entre os grupos dos giros linguísticos e dos grupos do resgate da ontologia

¹ Estas informações foram recuperadas do currículo Lattes de Mauro Betti, podendo ser conferidas a partir do seguinte link: <http://lattes.cnpq.br/6026760351434205>

realista; da disposição atual da atividade epistemológica da área; da pluralidade e da relação dos autores clássicos da filosofia da ciência do século XX com a Educação Física brasileira.

Entrevista

Entrevistador: Qual a sua síntese do desenvolvimento epistemológico do campo da Educação Física brasileira?

Mauro Betti: Este debate começa na década de 1980, já com algumas produções, entre meados e final da década de 80 do professor Valter Bracht, um pouco minhas também, mais ligadas à Educação Física escolar. Havia esse anseio de fundamentar a Educação Física como uma área de conhecimento porque a Educação Física tinha um *status* inferior diante da comunidade, tanto da comunidade escolar quanto da comunidade universitária. E isso começa a mudar na medida em que se abre um mestrado em Educação Física, como o da Universidade de São Paulo (USP), que foi o primeiro. Era um sinal de que a comunidade acadêmica estava aceitando aquela área como uma área de produção de conhecimento científico. Todavia, não tínhamos muito evidente o que significava isso, a Educação Física como produção do conhecimento científico. Isso se refletiu numa geração – na minha geração, no caso – e nós que éramos apenas alguns anos mais velhos. Formou-se esse grupo, não trabalhávamos juntos, era cada um no seu canto, porém, pensando e escrevendo sobre isso. Na década de 1980 e no início da década de 1990, você tinha um denominador em comum nesse grupo, que era a rejeição à ditadura militar e o anseio da democratização. De certa forma, embora houvesse divergências, nem todo mundo tivesse preocupações, vamos dizer assim, estritamente epistemológicas, você pode dizer que havia uma geração que buscava avanços e trabalhava na mesma direção, o que depois se perdeu com a redemocratização porque aí cada um começou a querer construir o seu próprio espaço e, em parte, passou a ver os outros como adversários, começaram a se evidenciar as diferenças políticas, ideológicas, filosóficas, epistemológicas, pedagógicas etc. No meu próprio caso, por exemplo, até hoje tem gente que jura de “pé-junto” que sou positivista, o que demonstra uma profunda ignorância filosófica porque não sabe o que é positivismo. E, hoje, a produção se ampliou, se ramificou em várias direções, mas nem todas são bem fundamentadas como deveriam ser. E hoje tenho uma certa preocupação porque vejo alguns querendo reinventar a roda. Por que como você avança em relação a esta geração? A minha geração que, aliás, chamo de “a geração inacabada, ou (in)acabada”, a geração que não desenvolveu todas as suas potencialidades, no meu entendimento. Um indício disso, embora uma coisa aparentemente só quantitativa, é se você pegar quantos doutores e doutoras o Valter Bracht formou,

o Elenor Kunz formou, ou formei, ou o Lino Castellani formou. Verá que são poucos, considerando a importância da nossa produção intelectual. Então, é uma geração que não desenvolveu todas as suas potencialidades, e que lutou com muitas dificuldades, pois tínhamos também de lutar por um espaço na universidade. E a universidade pública é um local muito desgastante, pois você gasta muita energia com as brigas internas, tem as vaidades, as ambições de poder, com gente querendo “puxar seu tapete”. Como disse uma vez o Vicente Molina Neto, do Rio Grande do Sul, “abrimos o caminho na mata a facão”. Talvez hoje não seja uma colocação ecologicamente correta, porém, pelo menos no facão não destruímos muito a floresta, tanto quanto se você passa um trator! Enfim, a ideia é essa. Nossas ferramentas eram muito limitadas, nossos recursos eram muito limitados. Sendo assim, para que uma geração nova avance em relação a essa geração anterior, não basta ler o livro do Mauro Betti, do Jocimar Daolio, ou do Kunz, ou do João Freire e dizer: “olha aqui como isso não está certo, não está fundamentado, isso aqui está furado”, porque é evidente que achará deficiências, e é bom que ache mesmo. Todavia, isso não é suficiente, teria de ler os autores que nós lemos, buscar fundamentação mais aprofundada do que a nossa. Não basta dizer assim: “sou pós não sei o quê”, “pós-estruturalista”, “pós-crítico”, e nem saber, por exemplo, o que é estruturalismo. Perguntaria para quem se autodenomina pós-estruturalista: você já leu Ferdinand de Saussure, que foi o pai do estruturalismo, e influenciou todas as ciências humanas? Não há um autor importante das ciências humanas e sociais hoje que não tenha alguma base no Saussure, e você leu? Um exemplo, acho mais fácil de entender, é se considerarmos o Elenor Kunz, de quem, aliás, fiz uma leitura tardia (e acho que foi bom isso). Inclusive, ele foi meu supervisor do pós-doutorado lá na Universidade Federal de Santa Catarina entre 2005 e 2006. Todo mundo fala que o fundamento do Kunz é o Habermas, mas não é apenas isso, o fundamento da teoria do se-movimentar é a fenomenologia, especialmente, de Merleau-Ponty. E por que falo isso? Porque a base da teoria do se-movimentar são os autores holandeses, Jan Tamboer, Gordijn e, antes desses, Buytendijk, todos holandeses. E, por sua vez, os alemães traduziram os holandeses, e o Kunz estudou na Alemanha e chegou na teoria do se-movimentar por meio dos alemães. Os holandeses, por sua vez, se fundamentaram em Merleau-Ponty. Estudei bastante Merleau-Ponty no pós-doutorado, fiz uma disciplina com o professor Marcos Miller, que é um dos grandes especialistas em Merleau-Ponty no Brasil. E, lá, em Santa Catarina, consegui um texto em português sobre a teoria do se-movimentar, traduzido do alemão, que, por sua vez, foi traduzido do holandês. Então, vi que é exatamente a fenomenologia da percepção que está lá, a ideia do “corpo próprio”, depois desdobrada para “movimento próprio”; o movimento próprio seria o “se movimentar”, tradução de “Sich-bewegen” em alemão. Merleau-Ponty falava muito em “corpo próprio”, mas lá na segunda fase dele tem um livro, se não me engano, *Visível e Invisível*, que, em

um rodapé, ele fala em “movimento próprio”, que é o movimento do próprio sujeito, não aquele estereotipado e objetivado pela indústria cultural (no nosso caso, pelo esporte de alto rendimento). Aí é que entra o Habermas, para fazer o que foi algo muito criativo por parte do Kunz, quer dizer, fazer esse contraste entre a objetivação e a subjetivação. Desse modo, quem quiser avançar terá de ler. Por exemplo, tem tanta gente indo fazer doutorado, pós-doutorado na Europa, porém, não vi ninguém indo para Holanda. Então, vá para Holanda, aprenda holandês e traduza os autores pioneiros da teoria do se-movimentar. Encontrei na internet a tese original do Gordijn. Aí você pode tanto avançar, como realmente criticar e dizer: “olha aqui como isso aqui não tá bom”. Eu mesmo vejo algumas limitações na teoria do se-movimentar, tal como apresentada pelos alemães, e, portanto, pelo próprio Kunz. A mesma coisa posso dizer de quaisquer outros autores e eu próprio, inclusive. Nunca vi ninguém, por exemplo, pegar a teoria dos sistemas e mostrar onde é que estava errado em *Educação Física e Sociedade*. Ah, mas a teoria dos sistemas é não sei o que, é não sei o que lá, porém, não demonstra, não aprofunda. Também dizem que a fenomenologia é subjetivista, não pensa no social, o que não é verdade. O que vemos na Educação Física e na pedagogia é um monte de chavões, de superficialidades de quem não estudou. Pega-se um manual qualquer que diz que a fenomenologia é isso e aquilo, ou que o positivismo é isso e aquilo, e reproduz o discurso sem entender. Vá estudar primeiro. Não que eu tenha estudado tudo. Por isso, digo que sou de uma geração incompleta. Não tive esse tempo de estudar todos os clássicos porque precisava trabalhar, era professor da USP e, para você ter uma ideia, como professor da USP ganhava menos do que ganhava como professor do antigo primeiro grau na prefeitura de São Paulo. Hoje, os professores que estão na universidade pública – pelo menos acho que até hoje, daqui para a frente não sei como ficará – têm uma condição muito privilegiada de estudar, de ter tempo, de ter recurso, de ter bolsa. Hoje, também já não tem mais tanta bolsa, cortaram bolsas, cortaram recursos, até dois ou três anos atrás tinha. Portanto, vejo como uma preocupação, não vejo avanços, vejo gente tentando demarcar o seu território, desqualificando o outro, literalmente dizendo para suas orientandas e orientandos que pode jogar no lixo o que outros produziram. Acho isso de uma crueldade com os estudantes, o que acaba criando um atrito entre eles. Infelizmente, isso repercute, inclusive, nas gerações mais novas e até em concursos, na tentativa de dominar os concursos para favorecer candidatas ou candidatos que julgam mais de acordo com o seu próprio perfil, porque será seu aliado, criando uma endogenia. A universidade brasileira é extremamente endógena! Se fizer uma pesquisa, principalmente nos últimos anos, talvez nos últimos 5 a 10 anos, quem são os que ingressaram nas universidades públicas. Você verá que, em geral, são formados na própria instituição. Isso não é bom, endogenia não é boa em nada, nem na cultura, nem na natureza; tem de ter diversidade, tem de ter gente com formação diferente, que pense diferente, mas que tenha um projeto comum, que é a

produção de conhecimento. Portanto, vejo com preocupação. Outro aspecto, há coisas que já não valem mais a pena insistir, como: “qual é o objeto da Educação Física”. Considero que isso já virou um círculo vicioso porque acaba voltando sempre no mesmo ponto, pois os significados de corpo e movimento são muito diversos, são conceitos polissêmicos que entram em muitos campos, constituem um objeto transversal, um fenômeno transversal. Então, você vai, vai, vai e termina: “poxa, mas isso que você tá falando se aplica também para fisioterapia, medicina, para antropologia, para psicologia”. Penso que o objeto é aquilo que concretamente a comunidade faz, como está intervindo, que tipo de clientela está alcançando, como é a sua prática. Claro que, de repente, aparece alguém que consegue uma perspectiva totalmente inusitada, inovadora. Logo, não vou dizer que não é para tratar do assunto, porém, acho que hoje nós temos outras urgências.

Entrevistador: Qual o seu ponto de vista e sua avaliação sobre os embates dicotômicos travados no campo da Educação Física brasileira entre os grupos que defendem os giros linguísticos e os grupos que defendem o resgate da ontologia realista?

Mauro Betti: Penso que ambos têm razão e nenhum dos dois tem razão. Depois que estudei o pragmatismo e a semiótica do Charles Sanders Peirce, vejo que isso é uma discussão estéril. Hoje ela serve muito mais para delimitar espaços: “aqui é meu espaço e você é meu adversário”. Vejo a semiótica ou lógica geral dos signos de Peirce não como uma terceira via, mas sim a única via; não é a terceira, é a única! Porque existe o real bruto, só que ele é inacessível de modo direto, não consigo acessá-lo diretamente, só consigo acessá-lo pela intermediação dos signos. Essa é a posição do Peirce, que seria uma espécie de idealismo objetivo. Então, não há dicotomia entre objetivo e subjetivo. É interessante o giro linguístico: a própria denominação refere-se à língua, às palavras. Como diz a Eliane, a minha esposa, que também estuda semiótica e foi orientanda do Kunz, “nós vivemos no imperialismo das palavras”. O que o Peirce propõe é que qualquer coisa (não só as palavras) pode ser signo: um objeto, um gesto, um movimento, uma dança, uma coreografia, um drible no futebol, um movimento na capoeira. Tudo é ou pode ser signo, e o signo é para alguém. Desse modo, não tenho o menor interesse nessa discussão de giro linguístico *versus* ontologia realista porque a posição do Peirce é muito mais produtiva. E uma palavra que ficou “maldita” na Educação Física (e na Pedagogia) é “pragmatismo”, “pragmático”, dado que as pessoas confundem com “utilitarismo”, com o caminho mais fácil, mas não é isso. Pragmaticismo é como modifíco hábitos e crenças em prol de condutas futuras, pois nós somos seres de crenças e hábitos, e nós não nos damos conta disso, nós só percebemos isso à custa de algum esforço quando, de algum modo, duvidamos das nossas crenças, quando alguma coisa ou alguém nos força a colocar nossos hábitos e crenças em dúvida. Quando tenho a dúvida, passo a refletir e busco mudar a minha conduta, uma vez que as crenças levam a hábitos, então, mudo minhas crenças, mudo meus hábitos

e mudo a minha conduta futura. E o melhor método para que mude a minha conduta com o fundamento do conhecimento é o método científico porque há outros métodos para que fixem as minhas crenças, para que acredite no que acredito hoje. Posso acreditar numa coisa pelo método da autoridade; por exemplo, para um pós-graduando publicar em revista internacional é sempre bom porque a Capes me forçou a acreditar nisso, muitos acreditam. Todavia, é algo que precisa pôr em dúvida: “quem irá ler isso? Qual o impacto disso no mundo concreto?”. Aliás, prefiro o termo “concreto” a “real”; concreto é o que está aqui na minha frente. As mortes causadas pela pandemia são concretas, minha amiga morreu, aquele choque, aquela tristeza e o choro dos filhos, aquilo é concreto, e só posso entender a dor que eles sentem porque eles manifestam por signos. É assim que acesso o concreto. Publicar em revistas internacionais provoca mudanças no concreto, naquilo que vejo quando olho as aulas de Educação Física nas escolas de Bauru? Claro que há vários níveis e relativizações possíveis aí. Não vamos ser simplórios. Portanto, pondero que Peirce propõe um sistema filosófico completo, cuja base é a fenomenologia, que me permite pensar qualquer problema, qualquer objeto que construa para a Educação Física e para qualquer outra área, porque existe um método geral que subjaz a todos os métodos específicos, existe um método geral que tem certas características, e que permite aprender com a experiência. O método científico está presente na nossa vida cotidiana. Um exemplo que a professora Lucia Santaella (uma semioticista importante) dá, e que é muito esclarecedor: “a fruta que está madura hoje não estará verde amanhã”. Não precisa ter feito pós-graduação para saber isso. Basta observar atentamente e aprender com a experiência. Veja que interessante, ela não fala o contrário “a fruta que está verde hoje estará madura amanhã”, porque ela pode não estar madura, ela pode apodrecer. Mas ela afirma: “a fruta que está madura hoje não estará verde amanhã”. E podemos verificar se amanhã a fruta estará ou não verde. Portanto, o método científico permite aprender com a experiência. A experiência é a categoria central. Outra característica do método científico são os raciocínios: abdutivo, indutivo e dedutivo. Aprendi na pós-graduação que a ciência é hipotético-dedutiva; não está errado, porém, está incompleto, é abdutiva-indutiva. “Abdução” não é nada de E.T. fazendo abdução! Seria um tipo de *insight*, a criatividade, aquela coisa misteriosa que de repente faz você ter um “click”, que tem um pouco a ver com a intuição, com *insight*. Não é uma coisa mágica porque, de certa maneira, você intuiu, tem alguns indícios, alguns signos que você percebeu, porém, não conseguiu elaborar conscientemente. Isso fica lá na sua mente, em algum lugar, não consciente, originando uma hipótese, uma teorização, uma teoria incipiente, uma teoria incompleta, indícios de uma teoria, e aí você passa a induzir a busca de dados porque você não pode sair caçando dados aleatoriamente. Assim você induz, você foca, isso é indução. Por fim, você deduz, chega a alguma conclusão, sempre provisória! Entretanto, não se pode desconsiderar que os dados encontrados podem

contradizer sua hipótese. É preciso estar disponível para o imprevisto, para o acaso e para falibilidade, porque pode estar errado, pode haver indícios ali que te dizem que está errado, que precisa considerar. E é uma coisa que vejo muito pouco, é impressionante como todo mundo confia em sua hipótese ou teoria. Inclusive, às vezes, é muito evidente o estudante de mestrado ou doutorado deixar escapar algum dado na análise porque contraria sua hipótese, porque a pessoa acredita tanto, “crê no que crê” (como Peirce se refere ao que chama de método da tenacidade), que é como a avestruz: enterra a cabeça na areia porque não lhe interessa o que está diante de si. Vejo muito disso, o método da tenacidade, a avestruz que põe a cabeça dentro da areia, ou a viseira que se põe no cavalo para que ele não enxergue muito. O pesquisador ou pesquisadora só vê aquilo que lhe interessa, e o que lhe contraria: “não quero saber!”. Depois que induziu a geração de dados, você faz a dedução a partir da análise/interpretação dos dados. Esse é o método que está presente. Para todo grande autor ou autora de qualquer área, das humanas, biológicas, da física, este é o método científico. O problema é que, na Educação e na Educação Física, criamos a seguinte crença: precisa escolher uma teoria e depois vai a campo para confirmar a teoria. Entretanto, se fosse assim nunca haveria novas teorias, estaríamos no século XVII, XVIII. De onde vêm as novas teorias? Inclusive, inicialmente, elas tendem a ser rejeitadas porque elas não estão num paradigma dominante. E quando é uma teoria que rompe o paradigma dominante? Embora, lembrando Thomas Kuhn, seja muito difícil definir o que é paradigma. Enfim, no contexto dessa ideia mais genérica de paradigma, novas teorias tendem a ter resistência e boicotes da própria comunidade acadêmica; a história da ciência está repleta de exemplos disso. Em conclusão, para Peirce, o método científico é o mais confiável para verificar em que medida nossas crenças (inclusive as baseadas em teorias científicas) coincidem com os fatos. Por “fato”, aqui entendo a noção presente no positivismo, algo que não pode ser negado, que resiste a ser negado.

Entrevistador: Nos últimos anos, observa-se, no campo, um movimento de atividade epistemológica que tem buscado analisar e avaliar os limites e as possibilidades das teorias e ideias dos diversos autores que são utilizados no campo da Educação Física brasileira, e não mais de classificar e rotular. Como você avalia este novo movimento?

Mauro Betti: Estou supondo que o que você pergunta aqui é esta geração que falei: Coletivo de Autores, Jocimar Daolio, Kunz, João Freire. É isso? Os diversos autores que você fala são esses?

Entrevistador: São estes autores da própria Educação Física e os autores para além deles. Por exemplo, como Marx, Foucault, entre outros, foram utilizados para falar sobre corpo? São autores da Educação Física e autores de outras áreas que foram apropriados pelo campo.

Mauro Betti: Marx acho que foi pouco estudado pela minha geração. Ele foi muito citado, mas quem estudou mesmo, não sei ao certo, talvez Celi Taffarel. Agora sei que hoje tem um grupo na UnB, o grupo “Avante”, que estuda e que aprofunda o marxismo. Participei de uma banca com um colega de lá e realmente é notável como eles aprofundaram, inclusive na questão do método. E foi curioso porque vi muita coisa que o colega, que era explicitamente marxista, falou com as quais concordo. Não vejo problema nenhum, alguém dizer: “sou marxista”, ou dizer: “sou fenomenólogo”; declarar-se “positivista” (que é complicado agora), “sou neopositivista”. Está tudo bem, desde que se fundamente, se aprofunde e entenda o que está falando. E quando aquele colega na banca falava sobre o método em Marx, que não conhecia, embora tenha feito dois anos de um curso de ciências sociais – porém, só conheci as coisas mais básicas de Marx – fiquei impressionado como havia semelhanças com algumas coisas que o próprio Peirce falava. Não que o Peirce seja marxista, ou que Marx seja pragmaticista, e tem coisas que não são tão diferentes, mas há pontos de contato. Entretanto – também estou especulando aqui – há aspectos que precisam ser demonstrados. Portanto, não dá para avançar na perspectiva marxista sem estudar no próprio Marx. Não dá para avançar na perspectiva da linhagem sem estudar Saussure, Barthes, Lotman, Peirce e cinco ou seis clássicos aí. E além de tudo tem a filosofia da linguagem. No entanto, o risco disso é esquecermos da Educação Física e virarmos filósofos, virarmos sociólogos, virarmos semióticistas. De certa forma, isso aconteceu com muitos colegas do mundo acadêmico, tanto que são aceitos e reconhecidos nas outras áreas, o que de um lado é bom porque aumenta o status da área: “poxa, alguém da Educação Física, que virou um sociólogo tão bom”. Porém, por outro lado, você também acaba se afastando das urgências, das demandas, da atuação concreta, que é o que nos interessa. Nós formamos profissionais, os cursos existem, os departamentos de Educação Física existem, para formar profissionais que vão trabalhar no esporte, na saúde, na escola, na recreação e lazer, senão, não precisaríamos existir. Um historiador pode tratar de história do esporte, um fisiologista pode tratar de exercício físico. O mais interessante com essa pandemia é como descobrimos que a Educação Física tem bons epidemiologistas, e por quê? Porque o método é o mesmo. É interessante como muita gente está tendo que dizer assim: “vamos ficar junto da ciência, tem que ser a ciência”. Mas qual é a ciência que fundamenta a crença de que nós devemos nos vacinar? Porque também é uma crença que, inclusive, pode falir ali na frente, daqui 10 anos, 15 anos: “não, aquela vacina lá na verdade não era tão boa o quanto achávamos”. Todavia, qual ciência fundamenta tal crença? É aquela que tanta gente critica por ser “positivista”: grupo experimental, grupo controle, validação estatística, é exatamente essa, “acusada” de positivista e cartesiana. Aliás, coitado do Descartes! Como disse um amigo meu, um filósofo: “se não fosse o Descartes, estaríamos falando latim até hoje”. Tenho alguns amigos filósofos, filósofos profissionais, que vivem disso, e nunca os vi

falarem mal de Descartes. Aliás, eles têm um respeito imenso pelos clássicos. Eles não os desqualificam, eles podem não concordar, tipo assim: “prefiro o outro, prefiro isso aqui que estudo”, mas não desqualificam. Na Educação Física e na Pedagogia, Descartes virou o lixo da filosofia, isso é um absurdo! Descartes é quem elevou a razão, exatamente a base da ciência que hoje fundamenta as vacinas e a epidemiologia, e que tanta gente criticou. É claro que não é só isso, tem a questão social, econômica, psicológica. Adoecem e morrem mais negros do que brancos, mais pobres do que ricos. Isso também é ciência. Você também tem que demonstrar, e isso é demonstrado por números, por exemplo. Dessa maneira, precisamos acabar com essa história de rotulação, que, para nós da Educação Física, virou uma obsessão (não sei como um psicólogo definiria isso), uma fixação por rotulações. Às vezes me perguntam: “qual é a sua abordagem?” Respondo: “não sei, não me rotulo. Diga você qual é”. E aí alguém faz um quadro, bota lá umas características, desqualifica umas e elege a que ele mais gosta. Acho até engraçado ler isso. A pessoa (inclusive, alguns autores consagrados da pedagogia e da Educação Física) faz uma escolha prévia, elege a sua própria abordagem preferida, pega as características das outras em função de tornar a dele a melhor, porque toda classificação tem um critério. Isso, para uma área como a Educação Física escolar, é desastroso porque nós somos muito frágeis, nós estamos dando tiro no pé o tempo todo, atirando uns nos outros o tempo todo. Vamos todos afundar! Porque se o Congresso muda a lei e passa a dizer que a Educação Física não é mais obrigatória, não saberia quantificar, dizer quanto, porém, creio que a maioria das escolas abandonaria a Educação Física. E por incrível que pareça, só quem tem organização suficiente, recurso financeiro e possibilidade de reagir a isso seria o sistema CREF/CONFEF, mesmo porque tem o compromisso, ainda que “não-oficial”, de agir do ponto de vista corporativo. Nós não estamos educando a comunidade para a importância da Educação Física na formação das crianças e adolescentes, o que, para mim, continua sendo imprescindível. Esse negócio de aprender a ler e escrever e fazer conta não é suficiente para formar pessoas, não forma o cidadão, não forma pessoas que têm valores em prol da igualdade, da justiça, que combatam os preconceitos e desigualdades, que se sensibilizem com isso, que militem contra a degradação do meio ambiente, contra as desigualdades, o racismo. Só aprender a ler, escrever e contar não forma pessoas assim. Crescemos, porém, não amadurecemos. Crescemos de modo desigual, um braço maior que o outro, cresceu a unha de uma mão, mas não cresceu na outra, uma coisa meio disforme ainda.

Entrevistador: Qual o seu ponto de vista sobre a pluralidade do campo da Educação Física brasileira?

Mauro Betti: Bem, já adiantei alguma coisa em respostas anteriores. A pluralidade é essencial em qualquer área. Podemos também chamar isso de “diversidade”, porque só existe

unanimidade na ditadura – uma suposta unanimidade –, só quando é imposta. Portanto, diversidade é bom, mas as pessoas têm que ter fundamento. Vejo muito isso quando emito pareceres para revistas, editoras e bancas (bancas, não muitas). Isso é muito comum em artigos e livros, em que o autor ou autora diz: “essa é uma nova abordagem da educação física, essa é uma nova perspectiva”. Aí penso: “não fez revisão de literatura”! Muita gente quer redescobrir a roda. Elege um autor ou autora da moda e fala: “olha, uma nova perspectiva segundo fulano de tal”; isso não é pluralidade, isso é superficialidade ou oportunismo, ou modismo. E pluralidade só faz sentido se houver diálogo, se houver debate. Talvez “debate” seja a palavra mais adequada, se houver debate, se houver confrontação de ideias. É raríssimo, poucas vezes na vida vi uma banca, uma mesa em evento acadêmico que colocasse frente a frente duas pessoas que têm posições muito diferentes para um debate. E quando acontece, tem torcida organizada, tem boicote. Muitos foram vítimas disso, até eu fui. O debate mesmo é muito raro, e deveria haver mais. No entanto, confesso que, se hoje se me convidasse para debater com certos colegas, não aceitaria. Primeiro, porque não sei se ele entenderá o que falo de modo suficiente para poder discordar porque para você discordar de alguém você tem que compreender de modo aprofundado o que aquela pessoa falou, e não fazer uma interpretação apressada e superficial. E pouca gente na Educação Física é capaz de fazer isso. Virou uma disputa de vaidade, de poder, influência, uma disputa pelo mercado acadêmico. Porque se podia ganhar muito dinheiro com isso, e alguns ganharam muito dinheiro com isso. Nada contra, porém, isso implicava que você, de certa forma, tinha que desqualificar o outro, e dizer: “olha, tenho a solução aqui para o seu sistema de ensino”. “Siga isso aqui”. Eu, particularmente, fiquei muito marginalizado, mas por opção, nunca quis apresentar receita, não direi em detalhes como os professores têm que dar aula, me recuso a fazer isso, não escreverei livro com receita de aula, apenas sugiro princípios didático-pedagógicos. Torço para que continue havendo pluralidade, porém com debate, ou melhor, interlocução, prefiro usar “interlocução” a “diálogo”, porque, se você olhar no dicionário, interlocução se define assim: “é a interrupção do discurso de alguém provocada pela fala de outro”. Portanto, se estou falando, se o professor lá me questiona, tenho que parar o meu discurso, colocar em suspenso as minhas crenças e ouvi-lo. “Está bom, você falou isso, vou levar em conta”, e assim continuo. Contudo, há pouquíssima interlocução na Educação Física, inclusive com os professores e as professoras das escolas. O que temos são tentativas de doutrinação. Torço para que haja mais interlocução, senão, infelizmente, veremos a Educação Física escolar cada vez mais afundando. Fora da escola o amplo predomínio de uma perspectiva biologista e de aptidão física, e ainda perdendo espaço para outras práticas corporais que não estão na tradição do nosso campo, como pilates e yoga. E o que os professores e professoras de escola têm que aprender? Comunicação! Tem a ver também com semiótica, com linguagem. É preciso entender o

processo de comunicação, que, em geral, é ruim nas relações pedagógicas escolares. Você tem que entender que tem alguém do outro lado que interpretará o que você está falando, e ele pode interpretar de outro jeito, pode não entender, ele pode interpretar de um outro jeito, às vezes, até de uma forma mais interessante do que você tentou dizer. Você tem que “capturá-lo” para que ele preste atenção no seu discurso, no que você está propondo. Hoje você tem professor na escola que não consegue perceber que um jogo de eliminação frustra as crianças que não têm habilidade! Como é possível o professor não perceber isso? Ele não percebe por que não aprendeu isso, ninguém disse para ele que tinha que ler os signos corporais, ensinaram para ele que tinha apenas que elaborar um conteúdo, escolher uns jogos, ir lá aplicar. As crianças se divertem e pronto, é esse o professor que estamos formando.

Entrevistador: Como você analisa a questão de pensadores clássicos da filosofia da ciência como Popper, Kuhn, Lakatos e Feyerabend terem sido minimamente acionados nos debates epistemológicos do campo da Educação Física brasileira?

Mauro Betti: Gosto de dizer que alguns destes autores, como Popper, Lakatos e Kuhn, ficaram um pouco na parte de trás do cenário. A minha geração, certamente, os conheceu, se não leu muito, leu alguma coisa, ou leu sobre. Thomas Kuhn foi o que mais li, Popper foi pouca coisa, Lakatos pouco também. Já Feyerabend acho que influenciou os mais jovens um pouco, vamos dizer assim, que seriam os nossos orientandos e orientandas. Confesso que criou um certo pré-conceito por causa do rótulo do “anarquismo metodológico”, porque a minha geração tentou dar um fundamento, uma direção teórico-metodológica, epistemológica, filosófica, e falar em anarquismo metodológico assustava. Contudo, nem sei se é isso de fato que Feyerabend propunha, porque não li, talvez nem fosse. Então, acho que é esse o motivo. Até encontrei um trecho aqui da minha tese de livre-docência que depois foi publicada como o livro “Educação Física Escolar: Ensino e Pesquisa-ação”. Retrocederei um pouco agora, falarei sobre o que entendo por ciência. Porque outra coisa complicada é definir ciência, o que é ciência? Qual é o método. Tem dois autores que gosto muito: um é Alan Chalmers, que é mais um historiador da ciência e assumo isso nesse livro, quando ele diz assim: “vamos discutir a meta da ciência, e não o que é ciência”, porque o que é considerado científico muda historicamente, mas tem uma coisa em comum que ele encontrou, não sei exatamente a partir de que momento deve ser mais do século XIX em diante. “A meta da ciência é produzir conhecimento capaz de tratar da natureza do mundo de maneira superior, mais competente e mais amplo do que o conhecimento anterior”. E, por “natureza do mundo”, podemos entender o objeto não só das ciências naturais, mas das ciências humanas e sociais também. Portanto, se você tem determinados padrões, procedimentos, métodos que atendem a esta busca – da produção de um conhecimento mais competente, mais amplo – isso estaria de acordo com a meta

da ciência. Agora, o quanto esse conhecimento (que é traduzido em leis e teorias ou, de modo mais amplo, em “princípios”) seria realmente aplicável ao mundo concreto, nos leva a outras questões relacionadas aos conhecimentos profissionais, aos conhecimentos populares. E isso é outro tema que ouvimos muito do professorado, e, principalmente, de estudantes: como é que “aplica” essa teoria? Ou dizem: “amanhã vou aplicar uma aula”. E replico: “a gente aplica injeção”, não aplicamos teoria, a teoria é para compreender o fenômeno. Você passa a ter uma melhor compreensão, eventualmente, a teoria pode te ajudar na intervenção, mas a primeira função da teoria, da teorização, é uma compreensão mais ampla e mais profunda. Portanto, teorias são abstratas e buscam generalizações. O quanto de uma teoria é realmente aplicável a situações concretas deve ser determinado pelo confronto entre ela e o mundo de maneira mais rigorosa possível, segundo as técnicas habituais existentes, ou seja, segundo os métodos, os procedimentos de pesquisa. É o famoso “capítulo do método”, da metodologia, que as bancas, às vezes, cobram. Então, precisa ter um confronto, e esse confronto nada mais é que a categoria da experiência. É preciso sujeitar-se ao confronto com a experiência, é o confronto com ela que vai, ao longo do tempo, dizer o quanto uma teoria é capaz de explicar/compreender determinadas situações no mundo concreto. Se ela é falível ou não. Discordaria de Popper, pois você não precisa produzir hipóteses contra a teoria para desmontá-la. Não! O tempo dirá, a experiência dirá, se é falível ou não. Veja o caso de um fenômeno novo, o caso da atual pandemia da COVID-19, por exemplo, trata-se de um vírus que tem um comportamento diferente de tudo que se conheceu. É a experiência quem dirá, a ciência dirá: “provavelmente isso aqui é melhor, melhor fazer isso do que não fazer aquilo”. É a experiência quem dirá se funcionou ou não, e o quanto funcionou. Assim, diz Chalmers, “em resposta ao relativismo, as teorias, resultados e pesquisa podem ser avaliados em relação à meta da ciência” (produzir conhecimento mais satisfatório, mais competente, mais amplo e em alguns casos verificar que são mais satisfatórios). Mas nem sempre será possível, em especial, no curto prazo, pois, após milhares de anos, poderemos ter um amplo espectro de hipóteses e teorias confirmadas pela experiência. E para citar os autores que você colocou na pergunta, segundo Chalmers, as teorias científicas caracterizam-se pela simplicidade” (conforme Popper), “coerência e progressividade” (conforme Lakatos), e/ou “fertilidade”, segundo ele próprio. E aí concordo com ele porque essa fertilidade é o que encontramos também em Charles S. Peirce, no que ele denomina “abdução”, a criatividade, a intuição que faz você criar hipóteses e novas teorias, e não apenas legitima o que já existe. E há ainda três autores franceses que já citei no mestrado e no livro *Educação Física e Sociedade* que tem um livro, um manual da metodologia da pesquisa, mas não é “receita”, mas uma fundamentação dos processos científicos, que são: Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc Schoutete. É um livro pouco citado, que acho o melhor que li até hoje sobre o

tema. Eles apresentam quatro polos no campo da pesquisa (epistemológico, teórico, morfológico e técnico) e entendem o campo de pesquisa como uma coisa dinâmica. Toda pesquisa é dinâmica, se movimenta entre esses quatro polos. A pesquisa é um movimento, não são etapas. Eles dizem: “como você avalia um método de pesquisa?” Como avaliarei se o método que o fulano usou na sua dissertação estava correto, se foi bom? Pela fecundidade dos resultados. Assim, o seu método, o método, deve ser avaliado retrospectivamente pela fecundidade dos resultados que produz. E é claro, quando alguém reproduz o “método” (vamos colocar assim entre aspas) que você usou, e que outro usou, e aquele outro usou, e se começa a fazer mais ou menos igual, você acaba consolidando aquele método que aparece nos manuais de pesquisa, que terá um rótulo. No entanto, ele tem que ser dinâmico, a cada pesquisa esse método tem que se renovar, pois ele não pode ser um protocolo. Protocolo você pode usar em outros campos. Por exemplo, para a produção de vacinas, tem que seguir um protocolo, raramente ele mudará, embora ao longo de muito tempo ele também sofrerá mudanças, pois surgem novas técnicas. Destarte, acho que aqueles autores que você citou, ou alguns desses autores, estão lá. Eles podem não estar explicitados. Como disse, a minha geração não teve tempo de estudar tudo, e acho que aí você pode contribuir muito, fazendo uma análise de tudo isso. E me preocupa hoje os autores “pós-alguma coisa”. Porque já na minha tese, *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*, de 1997, já citava os autores pós-modernos, autores franceses, hoje talvez até meio “fora de moda”, mas acho que eles foram geniais em fazer um diagnóstico, uma perfeita avaliação do que acontece na sociedade hoje. O que falaram é o mesmo que está acontecendo, mas hoje mais potencializado pelas redes sociais. Imagina, falei sobre televisão, que hoje é “café com leite”, como se diz nas brincadeiras infantis, diante das redes sociais! Agora, para você fazer uma proposição a partir de um viés “pós” e dizer que está rompendo com as teorias críticas, acho muito difícil. Porque se você pegar, por exemplo, o Tomaz Tadeu da Silva, que fundamenta muito do discurso hoje da pedagogia e da Educação Física, vejo a perspectiva “pós” como um desdobramento das teorias críticas. Do mesmo modo que os PCNs, e a BNCC são desdobramentos da abordagem culturalista da Educação Física gerada nas décadas de 1980 e 1990. E há quem se apropria do termo “cultural” para rotular uma abordagem declarada como “pós”. Entretanto, a abordagem culturalista tem diversas proposições. A própria BNCC é um desdobramento dela. Aliás, penso que a BNCC perdeu a oportunidade de ser melhor. Acho que nem é responsabilidade de quem fez, pois conheço algumas pessoas que participaram, que são competentes, sei que têm boa fundamentação, porém, foram amarrados numa estrutura que foi imposta. Considero que a BNCC provocou uma confusão porque, a rigor, se você for pegar ali os objetivos (que chamam de habilidades, mas prefiro chamar de “objetivos de aprendizagem”) e os objetos relacionados ao conteúdo, quase tudo que você fizer em uma aula se encaixaria ali, porque

sugerem habilidades tão genéricas que, se você fizer um jogo de queimada ou um “racha” de futebol, você consegue classificar em algum conteúdo. Houve um reforço do “vício classificatório” que caracteriza atualmente a Educação Física, especialmente, nos esportes: futebol é esporte de invasão, escolhe uma habilidade relacionada e põe o código lá no planejamento. Já tem gente, inclusive, vendendo planejamento de acordo com a BNCC, já com tudo prontinho, coloca o objetivo, a classificação, qual é o objeto e o código da habilidade que está na BNCC. Todavia, o mais importante fica de fora: como é que interajo com os alunos e alunas, como é que o sujeito da aprendizagem vai interagir com o conteúdo? Ou seja, a experiência de movimento, a experiência corporal e a experiência da relação entre professor/a, aluno/a (que prefiro denominar “aprendentes”) e conteúdo. E isso nenhum documento pode dar conta totalmente. Nenhum livro dá conta, só consegue dar “dicas”. E a BNCC ignorou completamente a experiência do aprendente, do aluno e da aluna. Minimizou a experiência de aprendizagem, que ficou nas sombras. Supõe-se que tal prática corporal, desenvolvida de certo modo, propicia tal aprendizagem, mas, de fato, nós não sabemos. Então, na perspectiva da linguagem e da semiótica, precisamos entender a experiência, a construção das significações como um fluxo de aprendizagem, pois a aprendizagem se dá em fluxos. Se não entendermos isso nós, não vamos avançar. A despeito disso, mesmo as experiências que as crianças têm de modo aleatório nas aulas (por exemplo, a professora ou professor que se pergunta apenas pouco antes das aulas: “que jogo que darei hoje?”) ainda contribuem com a formação das crianças. Contudo, isso nada tem a ver com Popper, Khun e Lakatos, porque eles não falaram de Educação Física. Isto é outra questão: como é que você falará sobre “a Educação Física segundo Popper”? Não dá, não é possível falar, nem “segundo Marx”, muito menos “segundo Peirce”. No entanto, você tem certas coisas gerais em todos esses autores. Certos princípios gerais, certos valores, crenças e proposições que se aplicam a diversos campos, e, às vezes, se aplicam para todos os campos, porém, você tem que adequar ao objeto. O método científico geral é o mesmo, o que muda é o objeto. Por isso, gosto da fenomenologia porque a fenomenologia respeita o seu objeto, e o objeto é construído concretamente pelo pesquisador ou pesquisadora na relação com o fenômeno, na relação direta com o fenômeno. Porque é muito fácil eu ou você chegarmos em uma escola com um conjunto de crenças que tenho, que você tem, porque você lê nos livros, porque o seu orientador falou, e comparar o que o professor faz com o que está nos livros e dizer: “olha como está errado”, como fazem tantas pesquisas na nossa área. Não, isso é anticientífico! E vi recentemente um artigo que fazia isso, que, com base em um popular livro da Educação Física escolar, responsabilizou o professor porque ele não consegue colocar aquilo “em prática”. Porque você tem que colocar primeiro as suas crenças em suspenso, algo que muitas pessoas não conseguem entender. Não é que você se despirá de seus valores, das suas teorias, não é isso, é a

interlocução. Você tem que primeiro deixar que o fenômeno se mostre. Entrevista com professor, por exemplo, não tem maior “furada” do que apenas entrevistar a professora ou professor, porque eles ou elas já estão “calejados”. Já sabem o que você quer ouvir. Assim, quem garante que ele não está falando o que você quer ouvir? Por isso, entra em cena a famosa “triangulação” – e tem alguns doutores/as que não sabem o que é – você tem que confrontar o que o professor falou, a aula que ele deu, o que os alunos falam, o que está no planejamento. Porque o fenômeno é sempre multifacetado, e o nosso olhar é sempre oblíquo, é transversal, pois você pega só algumas facetas do fenômeno. Tem que tentar cercar por vários lados, isso é método científico. Se não você estiver apenas induzindo resultados a partir de seus pressupostos, de suas crenças. Veja, se pegar do que falei aqui só os trechos que confirmam a sua hipótese, você está só induzindo, você não pode deduzir nada que seja válido, você pode até deduzir, porém, não é cientificamente válido. Se alguém pegar a minha entrevista inteira dirá: “você pegou só o que te interessava, aqui ele fala coisas que estão contrariando isso que você está deduzindo”. E temo que isso é mais comum de acontecer do que nós pensamos. Para mim, discutir epistemologia não é apenas dizer: “sou popperiano, sou marxista, sou fenomenólogo”. Não! Tem de entender que há um fundamento geral no método científico, e não tem nenhum manual que, sozinho, dê conta dessa complexidade. O que se tem feito é superficializar a discussão epistemológica, do mesmo modo como fizeram com a tal das “abordagens”. Quem lerá por inteiro o meu livro *Educação Física e Sociedade*, se tem resumo na internet, se tem alguém que falou de alguém que falou do meu livro de modo simplificado, diluído? Isso é literatura terciária, não é aceitável. Às vezes, leio uma coisa que diz assim: “não sei que lá, segundo Betti (1991)”. E aí penso: “mas não escrevi isso!”.

Entrevistador: O senhor queria falar algo além do que está no script das perguntas que lhe fiz? Qual recado que o senhor quer passar? Este último momento é mais para falar alguma coisa livre mesmo, sem ter nenhuma relação com o script que elaborei.

Mauro Betti: Não sei em que medida é possível – talvez você possa me dizer isso – para a nova geração avançar nessas urgências que citei. Porque se não avançar agora, perdeu-se a oportunidade. Os programas de pós-graduação em Educação Física que mais conheço são os das universidades estaduais paulistas, onde é muito difícil avançar, pois, tanto quanto sei, não têm uma disciplina específica que dê essa fundamentação epistemológica geral, e depois entre na Educação Física. Então, fica muito por conta de cada orientador ou orientadora passar o seu entendimento, transmitir, orientar, a partir do seu próprio entendimento de ciência, de método. Às vezes, o que ele transmite é um protocolo, não o método propriamente dito. Portanto, precisaria ter uma formação científica mais genérica, mais sólida. No meu caso, o que me deu a base inicial, o alicerce, foi um curso de metodologia da pesquisa científica que fiz na Fundação Carlos Chagas, no início da década

de 1980, quando era recém-formado. Curso que tratou do que chamaríamos de “ciência tradicional”: o que é variável dependente e independente, o que é grupo-experimental e grupo-controle etc. Eles trabalham muito com pesquisa de levantamento de dados na Fundação Carlos Chagas. Era a única fundação desse tipo à época em São Paulo, fazia quase todos os vestibulares do estado de São Paulo, e com pesquisadoras e pesquisadores altamente qualificados. Ali tive um alicerce, inclusive para criticar a ciência tradicional, para criticar o positivismo. Hoje não sei se ainda se estuda isso, posto que não sei, se perguntar para você e para os seus colegas se sabem o que é variável dependente e independente, se vocês sabem o que é variável interveniente, o que é objetividade, fidedignidade e validade. Essas coisas não têm nada a ver com o positivismo necessariamente. Então, você pode até dizer: “não, isso se aplica à minha pesquisa”, mas isso te ajuda a desenvolver o raciocínio científico. O raciocínio científico é o mesmo, sendo você biólogo ou sociólogo. Claro que isso não alcança os valores, nem as ideologias políticas, o que quero para a minha sociedade, o que quero para a minha comunidade, não necessariamente alcançam, embora seja duvidoso que um bom economista dirá, do ponto científico, que é bom ter tanta desigualdade em um país como há no Brasil. Essa é a questão. A segunda é avançarmos na pauta da formação do professor licenciado, aquele ou aquela que vai para escola, e para isso precisaria uma intervenção que viria lá desde o Conselho Federal de Educação e o Ministério da Educação até os estados e municípios. Contudo, para isso, precisa de militância política. Recentemente, assisti a um documentário sobre capoeira na Bahia, em que os mestres da capoeira angola (os mais novos) se depararam, em certo momento, com a quase extinção da capoeira angola pela hegemonia da capoeira regional, conquistada, inclusive, com a participação de pessoas da Educação Física. Não que a Educação Física fosse responsável sozinha por isso, porém, alguns profissionais da Educação Física acabaram contribuindo, talvez até em alguns casos, involuntariamente, para isso. Tenho amigos e amigas capoeiristas, eles me contam. Portanto, o Mestre Moraes, que hoje é um grande nome na capoeira no Brasil, e que seria o sucessor do Pastinha, teve de fazer militância política para conseguir resgatar a capoeira Angola. Inclusive, isso foi apresentado em documentário. O governo da Bahia, durante o mandato de um político de direita, tomou a academia, o espaço físico do Mestre Pastinha, que morreu pobre e cego em um asilo. Então, diz Mestre Moraes: “não sabia nada de política, mas tive que enfrentar isso”, e conseguiu. E nós não temos essa organização política. Desse modo, essa militância política é também uma urgência. Não sei até que ponto a geração mais nova aderirá a isso, dado uma certa ojeriza à política “tradicional”, o que é compreensível. E hoje temos outros meios também. E fora da Educação Física escolar nós temos de ter o olhar fenomenológico, como já disse o poeta: “ver sem estar a ver”, sem pré-conceitos. Que significa o seguinte: estou vendo a cidade aqui da janela do meu apartamento: jovens, meninos e meninas em grupos andando

de skate pelas ruas, um grupo que fez pressão política anos atrás (vi a manifestação deles em frente à prefeitura) para construir um espaço público de prática de skate, e foi construído, inclusive, aqui perto de casa. Assim, observo que o skate é uma prática corporal individual, mas estão sempre em grupo. Por que eles estão em grupo? A mesma coisa no fenômeno urbano do ciclismo, sobretudo, com a participação de adultos jovens, a maioria homens, mulheres é mais difícil, porém, às vezes as vejo. Agora chega os Jogos Olímpicos e o Brasil ganha medalha em skate (feminino), o que não me surpreendeu nem um pouco, mas a mídia: “oh!”, aí vem os teóricos e comentaristas para explicar. Inclusive, jornalistas falando: “olha, o esporte brasileiro está mudando”, mas as mudanças já estavam aí, estavam no mundo, vê quem quer ver, quem sabe ler os signos. Então, não dá para continuar a achar que Educação Física escolar é vôlei, futebol, basquete e handebol. Porque, quando vai jogar futebol, sobretudo entre os meninos, e agora também o futebol feminino se destacando (penso que o futebol feminino pode ser mais interessante de assistir na televisão do que o masculino) é uma prática que exige relações de grupo. Há um crescente desinteresse, não é só porque a sociedade está se tornando mais individualista, porquanto as práticas individualistas passam a predominância, não é só isso. Está havendo uma mudança na cultura corporal de movimento mesmo. E por que eles praticam skate e ciclismo em grupo? Porque um ajuda o outro, um ensina para o outro, e às vezes o ensinar é só observar, é linguagem corporal, não precisa passar pelas palavras. Ocorre que isso é uma afronta à “teoria crítica” da Educação Física, porque para ela tudo tem discurso verbal, escrever tese, fazer palestra, fazer discurso no final da aula. Não é que a fundamentação teórica não tenha de acontecer, mas aqueles aspectos que você quer fundamentar você pode ir falando no próprio decorrer da prática, e muitas coisas não precisam passar pelas palavras, tem de “sentir na carne”. Por isso, que acho EaD, curso a distância, um horror, porque você de que sentir na carne. Não é que você tem de aprender a fazer o gesto para ensinar. Você tem de sentir a experiência, do que é o aprender a jogar vôlei, e se você não sabe fazer, melhor ainda, porque você sentirá a dificuldade. Essas são coisas que me preocupa e incomoda há muito tempo porque não via ressonância, cada um no seu canto querendo formar o seu grupo de pesquisa, querendo conseguir verba nas agências de fomento, conseguir bolsa. Trabalhei 30 anos exclusivamente na universidade, raríssimas vezes consegui verbas, porque era recusado, porque julgavam que o meu currículo não era bom o suficiente, porque concorria com outras pessoas da área da fisiologia. Mais recentemente, vários orientandos e orientandas conseguiram bolsas, bolsa para fazer mestrado, bolsa para fazer doutorado, mas verba para fazer pesquisa, só uma vez. Contudo, isso não me impediu de produzir; agora, se produzi pouco na comparação com outras e outros, tenho certeza de que produzi com muita qualidade. Então, veja, essa coisa da quantidade é outra crença que se disseminou que não nos levará a lugar nenhum, porque virou um fim em si

mesmo. E essas coisas já se tornaram um pouco, como se diz, para usar um termo da moda, “naturalizadas”. A Capes já algum tempo tem um sistema de controle bastante azeitado, quase perfeito de controle, e isso mata a criatividade.

Entrevistador: Está bom, professor Mauro Betti. Encerrarei a entrevista, mas, antes disso, agradeço imensamente de ter a oportunidade e a grande satisfação de ouvi-lo e de entrevistá-lo.

Ponderando com Betti

As reflexões suscitadas por Mauro Betti no decurso desta entrevista são preleções que nos induzem a pensar e a compreender o campo da Educação Física brasileira de forma mais diligente e sistematizada. Nota-se a dinâmica da agenda teórica de um autor que sempre esteve sensível às questões elementares que constituem o teorizar e a prática pedagógica do nosso campo, empregando-se em eludir da lógica das perspectivas dualistas, dicotômicas, fragmentárias e maniqueístas que, por vezes, pairam no universo acadêmico da nossa área.

Autor e partícipe do Movimento Renovador da Educação Física brasileira, que legou novas conformações – teóricas, práticas, epistemológicas, políticas, pedagógicas, metodológicas, didáticas, curriculares – qualitativas para a área, Betti reconhece a incompletude da sua geração. No entanto, sincronicamente, chama atenção da nova geração no sentido de precisar buscar e desenvolver melhores fundamentações do ponto vista teórico, metodológico e epistemológico para contribuir com mais rigor e embasamento com as questões atinentes ao campo. Ademais, argumenta ser imprescindível a superação da rotinização da predisposição da crítica pela crítica, cujo resultado perpassa os processos dicotômicos de rotulações, demarcações e classificações teóricas, culminando na fragmentação e na superficialização do campo.

Deveras, é perceptível, no âmbito dos debates teórico-epistemológicos do nosso campo, uma disposição dualista que tem sido caracterizada por uma postura de sustentar, de maneira monística e ortodoxa, determinada perspectiva teórica em detrimento das demais. Assim, o cerne do debate se circunscreve a realçar os pontos contributivos (e negligenciar as possíveis limitações) da perspectiva teórica eleita e, ao mesmo tempo, contrapor a todo custo as perspectivas concorrentes. Com isso, perde-se qualquer possibilidade de interlocução, dado que o enfoque recai sobre a disputa pela hegemonia do campo, ficando em um último plano a preocupação com as melhorias, avanços, contribuições que cada concepção teórica pode possibilitar para as demandas e problemáticas essenciais da Educação Física.

Evidentemente, o cerne da questão reside não na escolha e defesa de uma matriz teórica específica, mas sim na sustentação da convicção de que apenas uma perspectiva singular detém o potencial de contribuir, significativamente, para o campo. A partir dessa postura, critica-se e rejeita-se, indiscriminadamente, qualquer outra teoria que se apresente sem estabelecer, no mínimo, um diálogo construtivo.

Indubitavelmente, a presença de teorias divergentes, debates e críticas é condição *sine qua non* para o desenvolvimento da área, considerando a natureza plural do campo e do conhecimento. Contudo, tais discussões devem ocorrer de maneira impessoal, visando à retificação, ao aprimoramento e à progressividade tanto no teorizar quanto nas práticas no âmbito da Educação Física.

Em consonância com Betti, ressalta-se a urgência de uma formação científica mais profícua no âmbito da pós-graduação em Educação Física, que abranja com maior rigor os conhecimentos relacionados aos saberes metodológicos e epistemológicos. Esses saberes podem proporcionar uma disposição formativa mais abrangente em relação à lógica, organização, estrutura e desenvolvimento do empreendimento científico, bem como aos diferentes tipos de conhecimento. Desse modo, há maiores possibilidades de serem desenvolvidos um pensamento e um campo mais sistêmico, integrativo e relacional, o que pode fortalecer a concepção de um projeto comum para a área, contrapondo-se à tendência da ultraespecialização que tem dominado o universo da pós-graduação.

Na esfera da formação inicial, Betti assevera ser premente o estabelecimento de um processo formativo que consolide a interlocução entre teoria/prática e universo acadêmico/campo de intervenção. Depreende-se que parte do problema das abordagens pedagógicas não terem tido mais notoriedade e efetividade no contexto da Educação Física escolar se dá em virtude da ausência da interlocução entre o que está posto na dimensão teórica com a realidade dos professores que estão concretamente no chão da escola. Portanto, a problemática do hiato entre teoria pedagógica e sua implementação prática não pode ser logicamente imputada aos professores, supostamente por não conseguirem assimilar e aplicar as abordagens pedagógicas em suas práticas de ensino.

Conforme salientado por Betti, as teorias são ferramentas de abstração e generalização projetadas para nos auxiliar a obter uma compreensão mais embasada dos fenômenos. Entretanto, a concretização e a aplicabilidade dessas teorias demandam uma avaliação sistemática e metódica, confrontando as conjecturas teóricas com a realidade. Nesse sentido, para qualquer abordagem pedagógica ter efetividade na realidade da Educação Física escolar, é preciso que haja um cuidadoso exame de como as teorias podem ser traduzidas e transpostas em práticas educacionais tangíveis. Isso requer uma consideração cuidadosa das nuances do contexto educacional específico,

levando em conta fatores como a diversidade dos alunos, recursos disponíveis, os saberes discentes e docentes, a dinâmica da sala de aula. Nuances essas que nem sempre são previstas pelas bases teóricas das abordagens.

Ademais, a efetividade de uma determinada abordagem pedagógica na Educação Física escolar está inherentemente conectada à capacidade dos professores de adaptar, operacionalizar e integrar conceitos teóricos de forma flexível e sensível. Assim, requisita-se uma constante reflexão sobre as práticas de ensino, ajustando-as conforme necessário para atender às demandas e especificidades dos aprendizes e do contexto escolar. Logo, a transição das teorias para o contexto prático não é apenas um processo mecânico e acrítico, mas um esforço contínuo que exige uma compreensão profunda das teorias subjacentes, juntamente com a habilidade de transpô-las de maneira contextualizada e adaptativa.

Assim, em conformidade com Betti, necessita-se, imperiosamente, de uma formação mais sólida e integral que dê condições para que os pesquisadores compreendam a imprescindibilidade da interlocução para desenvolverem suas proposições teóricas em colaboração com os professores que estão inseridos na Educação Física escolar, bem como um processo formativo que forme professores autônomos, críticos e reflexivos que sejam capazes de incorporar e transpor essas teorias de maneira adaptativa e contextualizada. A indissociabilidade entre teoria e prática no contexto educacional poderá não só enriquecer o embasamento teórico dos pesquisadores, mas ainda fortalecer a capacidade dos professores de implementar abordagens inovadoras e eficazes em suas atividades pedagógicas diárias que considerem os seus saberes pedagógicos. Portanto, a promoção de uma formação integrada e sólida, que valorize a essencialidade da inter-relação entre teóricos e profissionais do chão da escola, é substancial para o avanço qualitativo da Educação Física escolar.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Com muita deferência, agradeço ao professor Mauro Betti que prontamente concordou em participar da entrevista, compartilhando conosco seus conhecimentos e experiências.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Trabalho aprovado pelo de ética da Universidade Federal de Goiás (Parecer Consustanciado do CEP nº 4.898.746) em 11 de agosto de 2021.

CONFLITO DE INTERESSES - Não se aplica

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivênci**a - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Luciana Fiamoncini

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 15.02.2024

Aprovado em: 11.06.2024

